

História de amor e **SOLIDÃO**

Autor de romances históricos, José Manuel Saraiva lança **A Terra Toda**, uma ficção contemporânea

Texto de RITA SILVA FREIRE Fotografia de HELENA GARCIA

DURANTE DOIS ANOS, José Manuel Saraiva esteve a combater na Guiné. Já lá vão quase quatro décadas, mas a memória desses tempos continua tão viva na mente do escritor como quando regressou a Portugal. «A guerra foi brutalmente marcante. É daquelas coisas que nos acompanham até ao fim da vida. Foram dois anos tão dolorosos que ninguém pode imaginar». José Manuel Saraiva teve a sorte de sobreviver e voltar ao país. Uma parte de si ficou para sempre em terras africanas. «Ver morrer camaradas em combate aos 20 anos é uma imagem que nos fica durante a vida inteira. Não se volta como se foi. As guerras não acabam nunca. E a minha ainda não acabou».

O que explica o porquê de a guerra colonial estar tão presente no seu trabalho. Em **A Terra Toda**, romance que acaba de publicar com o selo da Porto Editora, passa apenas 'de raspão', como parte da experiência do protagonista. Mas ao longo de toda a sua carreira, quer como jornalista quer como escritor, esteve presente de forma recorrente. Como romancista, José Manuel Saraiva estreou-se nas letras em 2001 com **As Lágrimas de Aquiles**, ficção baseada nos seus anos de guerra na Guiné. Como jornalista, assinou dois documentários também sobre a guerra colonial: **Madina do Boé – A retirada** e **De Guilege a Gadamel – O Corredor da Morte**, ambos transmitidos pela SIC. Ainda sobre o mesmo tema, assinou o argumento de **A Noiva**, telefilme de Luís Galvão Teles. «Não devemos deixar esquecer esse

período negro da nossa História», diz o escritor, notando que outros países, como o Luxemburgo, onde vive atualmente por motivos familiares, «mantêm acesa a chama da memória». O autor chama a atenção para o facto de a nova geração pouco saber sobre o que aconteceu e para a forma como os ex-combatentes são tratados. «Em Portugal não há nada. Apenas um ou outro monumento».

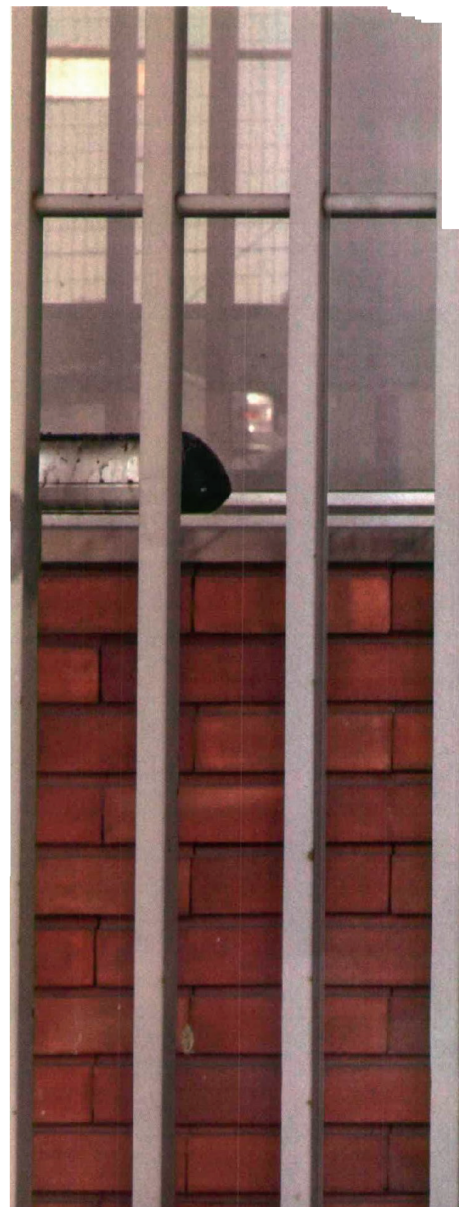
Trabalhar sem rede

Autor de romances históricos como **Rosa Brava** e **Aos Olhos de Deus** (o primeiro sobre a vida de D. Leonor Teles, o segundo sobre a embaixada enviada ao Papa Leão X por D. Manuel I), José

«A GUERRA FOI BRUTALMENTE MARCANTE. VER MORRER CAMARADAS DE 20 ANOS FICA PARA A VIDA TODA»

Manuel Saraiva decidiu, aos 64 anos, desafiar-se a si mesmo. E entrou num território por explorar: a ficção contemporânea. «Nos meus livros anteriores trabalhei sempre com rede. Este era o desafio que me faltava. Quis ver até onde ia a imaginação», explica.

Em **A Terra Toda** o autor debruça-se sobre um homem de meia-idade. Rafael tem 60 anos, pouco amigos – se é que tem alguns – e foi traído pela mulher com




quem vivia há quatro anos. Com muitas questões psicológicas com que lidar – o próprio considera-se um «produto mal resolvido» –, decide recorrer às consultas de uma psicanalista. Mas os dois acabam por entrar numa relação proibida que é prenúncio de desgraça. «É uma história actual de amor e solidão, de alegria e de tristeza, que poderia acontecer a qualquer um de nós», revela. É pela mente de Rafael que o autor se debruça sobre outros temas: a guerra, o machismo instalado na sociedade, as relações amorosas. E sobre a literatura.

«Para se escrever um livro», diz a sua personagem a páginas tantas, «é preciso que o autor tenha mundividência». A José Manuel Saraiva foi o jornalismo que lhe deu o mundo de que precisava para poder escrever. Abriu-lhe portas,

«PARA SE ESCREVER UM LIVRO É PRECISO MUNDIVIDÊNCIA». FOI O JORNALISMO QUE DEU A SARAIVA O MUNDO DE QUE PRECISAVA

deu-lhe a conhecer pessoas, locais, modos de viver e de pensar ao longo de três décadas de profissão, nas quais passou pelas redacções de *O Diário*, *Diário de Lisboa*, *Grande Reportagem* e *Expresso*. Foram também esses anos que lhe deram o calo da escrita. «Tudo decorre da minha vida de jornalista. Foram 34 anos a escrever e a lidar com as palavras. Se

me perguntarem a profissão ainda digo que sou jornalista, mesmo tendo deixado de exercer há nove anos. Ao jornalismo devo tudo». Deixou de exercer não só porque surgiu a oportunidade de se reformar, mas também porque o espírito da profissão mudou. «Antes havia camaradagem. Hoje, os jornalistas já não se tratam por camaradas, mas sim por colegas. Há pouca solidariedade. Já não pertence a esse meio».

Agora, José Manuel Saraiva está já a começar um novo livro. Mais um romance histórico, desta feita passado alhares no século XIX. Mas não exclui a hipótese de voltar a escrever uma ficção contemporânea. O que não lhe faltam são personagens e enredos. O mundo é enorme e também o é a imaginação. 



José Manuel Saraiva quis escrever uma ficção actual. Autor de livros históricos como *Rosa Brava*, este era o desafio que lhe faltava.